

BRASÍLIA QUE ME CRIOU

» Entrevista | MIGUEL GALVÃO

Point da economia criativa

Empresário fala sobre projeto que movimenta o meio cultural de Brasília na atualidade: a Infinu

» PEDRO IBARRA

Brasília é um celeiro de talentos e ideias. A cidade é sempre lembrada pelas gerações de grandes artistas, mas, para que esses talentos surjam, são necessários espaços e agitações culturais. Nesse papel, entram produtores da economia criativa com propostas para fomentar a veia artística da capital. Um potencial está nas startups de economia criativa. Em uma capital que ainda está reerguendo o aparato cultural após os duros anos de pandemia, sobressaem-se os projetos que, de alguma forma, possibilitam que o público volte a sair de casa. A Infinu surgiu como uma opção em Brasília para, literalmente,

ocupar espaços. Localizada na 506 Sul, virada para a W2, o espaço colaborativo junta lojas, opções de alimentação e um espaço que pode ser usado para eventos. De shows de artistas emergentes de todas as partes do Brasil a feiras de discos, passando por um espaço de convívio, o lugar virou um point da juventude e da arte independente. A ideia surgiu da cabeça de Miguel Galvão, um produtor cultural e de eventos que movimenta Brasília há algum tempo. Ele, um dos nomes por trás do festival PicniK, teve a vontade de criar algo menos itinerante e sazonal e encontrou na Infinu uma proposta concreta de diariamente investir no desenvolvimento da economia criativa local.

Minervino Jnior/CB/D.A Press



Qual a sua relação com Brasília?

Nasci em Salvador, mas vim para cá com 1 ano, para morar em Sobradinho, na chácara dos meus avós, onde vivi por quase duas décadas, antes de me mudar para a W3 Sul, onde estou até hoje. Minha mãe era assistente social no Hospital Sarah e meu pai mexia com poços artesanais. Eles me proporcionaram uma ótima educação, que deu base para eu entrar no curso de economia da UnB em 2003.

Como é a sua história como iniciador e produtor cultural?

Estava bem frustrado, pois meu

curso tinha um perfil de formar acadêmicos e funcionários públicos. Acabou que, ao entrar no Centro Acadêmico, comecei a organizar os encontros sociais do curso, me destacando no cenário cultural da UnB. Cheguei a capitanear e participar da produção de grandes shows no Centro Comunitário, como Nação Zumbi, Los Hermanos, Pato Fu... Prestes a me formar, decidi focar no mercado de cultura alternativa.

Nesse processo, como surgiram suas iniciativas de sucesso?

A primeira que se destacou foi

uma festa chamada Melissa, que, em 2009, trouxe um frescor à cidade por conseguir misturar diversas tribos em harmonia. Com seu fim, em 2011, assumi a produção do projeto paulista VoodooHop no Centro-Oeste, o que facilitou trazer artistas estrangeiros, desenvolvendo meu networking. Chegou uma hora que me desiludi com o mercado da noite e daí surgiu, em 2012, o PicniK, que tem propósito de trazer as pessoas para o dia, num encontro que leva ocupação divertida, saudável e estruturada aos espaços públicos da cidade. O projeto deu muito

certo: foram cerca de 45 edições no DF (além de outras em São Paulo e Goiás), mais de 700 mil pessoas atendidas, se tornou o maior canal de distribuição eventual da economia criativa no Centro-Oeste e também em uma importante vitrine para artistas locais e alternativos que não conseguiam aterrissar na cidade.

Como foi o processo de criar a Infinu, considerando que o local começou a funcionar na pandemia?

Foi um dos grandes desafios da vida, que só foi possível ser vencido graças ao time de colaboradores e

parceiros que abraçaram a empreitada. Inauguramos em 18 de junho de 2020, uma semana após a flexibilização do lockdown mais severo no DF, apostando que os princípios que nortearam o surgimento do negócio — cooperativo, colaborativo, compartilhado, socioambientalmente sustentável, autossuficiente — seriam diferenciais para nosso sucesso. Foram necessárias resiliência, paciência e serenidade. Os desafios ainda são muitos: vivemos numa cidade que se mostra muito reativa e conservadora com quem inova (sobretudo por meio da cultura), mas ficamos felizes e agradecidos com a receptividade do público à nossa proposta.

O que, para você, faz da Infinu diferente?

Nosso sonho é ser o pequeno palco mais divertido e intenso da galáxia! Nos vemos como um aeroporto, que busca condições ideais para estrelas, daqui ou de fora, aterrissarem e se conectarem com um público receptivo e vibrante. Para isso, tivemos de estruturar toda uma comunidade que respira criatividade, de forma a oferecer, em um único passeio, várias opções de atividades ao visitante, boa parte delas ancoradas em trabalhos locais, mostrando, nessa vitrine, a força, a beleza e a qualidade da cultura alternativa feita em Brasília.

COMO ANDA SEU CORAÇÃO? BRASILIENSES CONTAM COM CENTRO DE DIAGNÓSTICO COMPLETO NA CAPITAL

NOVIDADE NA ÁREA DA SAÚDE, O EXAME MEDICINA DIAGNÓSTICA REALIZA RESSONÂNCIAS MAGNÉTICAS COM AUXÍLIO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL, RESULTANDO EM UMA ANÁLISE ASSERTIVA E ALTAMENTE EFICIENTE PARA OS PACIENTES

Apresentado por:



O Instituto Nacional de Cardiologia (INC) indicou que, entre 2008 e 2022, o Brasil teve um aumento no número de internações devido a casos de infarto. Para os homens, o crescimento foi de 158%; enquanto, para as mulheres, foi de 157%. Segundo o Ministério da Saúde, a enfermidade é a maior causa de mortes no país. O órgão estima que, anualmente, ocorram de 300 mil a 400 mil diagnósticos da doença. Problema de saúde pública devido a sua alta incidência, os dados apresentados reforçam a necessidade de a população redobrar os cuidados com o coração.

Nesse contexto, dr. Gleidson Viana, diretor médico do Exame Medicina Diagnóstica, referência em Brasília e marca pertencente à Dasa, rede de saúde integrada, destaca a importância de avaliações clínicas completas, os famosos check-ups. "Com eles, é possível identificar riscos cardiovasculares realizando desde procedimentos básicos, como a aferição da pressão. Também é possível entender a distribuição corporal de gordura, identificar hábitos que contribuem para o aumento do risco cardiovascular e avaliar fatores de risco, como o tabagismo, colesterol ou pressão aumentados, diabetes, estresse e histórico familiar", explica o especialista.

Divulgação



Cuidados com o coração podem começar com atividades físicas e alimentação balanceada

Cuidado preventivo

Para iniciar a prevenção, não é preciso se limitar às visitas médicas: o cuidado pode começar em casa, com a prática regular de atividade física e uma alimentação balanceada. Além disso, de acordo com as orientações da Sociedade Brasileira de Cardiologia (SBC), deve-se começar a aferir a pressão, por exemplo, anualmente a partir dos oito anos de idade, enquanto o colesterol deve ser vigiado a partir dos 10. Já no que diz respeito à diabetes, segundo a American Diabetes Association (ADA), é indicado que a glicose seja medida a partir dos 35 anos. Com resultados normais, a repetição pode ser feita a cada três anos. "Apesar de não ser um consenso, é possível começar o check-up cardiológico desde os 40 anos, quando

as doenças cardiovasculares costumam aparecer e aumentar. A partir dessa idade, pode ser repetido anualmente", aconselha.

Para auxiliar na rotina de cuidados dos moradores de Brasília, dr. Gleidson destaca as iniciativas do Exame Medicina Diagnóstica. "Além de fazer todos os exames diagnósticos em um só lugar, nosso paciente tem acesso aos centros cardiológicos nos hospitais de referência, em Águas Claras e no Lago Sul, que podem, por meio dos serviços de ambulatório médico, fazer o acompanhamento clínico, otimizando o início do tratamento, se for o caso", conta. Para o processo avaliativo, estão disponíveis exames ambulatoriais: de imagem, como ultrassonografia do abdômen, que avalia a presença de gordura no fígado; e os próprios testes

cardiológicos: eletrocardiograma, holter e MAPA, que avaliam o ritmo cardíaco e a oscilação da pressão durante 24 horas, respectivamente.

Em breve, também será implementado o teste ergométrico. "Como diferencial, também podemos citar a disposição de procedimentos modernos como tomografia coronariana, avaliando as artérias que irrigam o coração, determinando o risco ou grau de obstrução, além do exame de ressonância cardíaca magnética, realizado com ou sem estresse, que pode diagnosticar alterações da função e da morfologia cardíacas.

Tecnologia e inovação

Novidade na área da saúde, o Exame Medicina Diagnóstica já realiza ressonâncias magnéticas com auxílio de inteligências artificiais (IA), o que, dependendo do exame, pode tornar o procedimento mais curto e mais confortável. Essa abordagem resulta em uma análise mais assertiva e altamente eficiente para os pacientes. O Exame ainda utiliza a inteligência artificial para ampliar o cuidado ao paciente.

"Um dos nossos diferenciais é usar a IA na triagem dos pacientes, que são direcionados para a jornada de cuidado de acordo com o risco de histórico pessoal e familiar. Junto a essa análise, são realizados os exames de diagnóstico, laboratoriais e de imagem", conta o diretor.

Na prática, é utilizada uma linha de inteligência artificial que estratifica e

identifica o risco dos pacientes atendidos no Exame. "Às vezes, o paciente realiza um exame com uma outra indicação, como pulmonar, e como é uma área que avalia a região cardíaca também, a inteligência artificial já nos passa uma avaliação preditiva do risco cardíaco", exemplifica.

Uma marca que nasceu com a capital

A história do Exame se entrelaça com a de Brasília e, em busca de sua consolidação, a marca buscou evoluir de forma contínua para cuidar dos brasilienses por toda a vida. Em 1975, o laboratório deu os seus primeiros passos para se tornar referência na área de medicina diagnóstica.

No entanto, a história da marca começa pouco mais de uma década antes. Em 1963, o primeiro Laboratório de Patologia Clínica de Brasília foi fundado pelos médicos Eumil Portilho, Hélio Tavares, Tito Figuerôa e Ubiratan Peres. Conhecido como Laboratório JK, o estabelecimento passou por uma fusão com o Laboratório Central de Patologia Clínica, dos sócios Hugo Mundim, Bechara Daher Neto e João Madeira. Foi nesse cenário que o Laboratório Exame surgiu.

Em 2007, o Exame Laboratório e Imagem passou a integrar a Dasa, rede de saúde integrada. Ao todo, a rede dispõe de um portfólio com mais de três mil exames laboratoriais, de imagem e vacinas, além de uma equipe médica e técnica qualificada para as necessidades dos pacientes.